

# NOSSA PARTE DO TEMPO

JOÃO  
PAULA

**Editora Penalux**  
*Guaratinguetá, 2023*

Eu me lembro de você, o que quer dizer que o reconstruo. E estou do seu lado agora. Me lembro de você agachado no jardim, as suas costas curvas enquanto poda as plantas. Sua tesoura em ferrugem rompendo os caules, seus golpes a espalhar folhas de bananeira pela calçada. Você está logo adiante enquanto eu me aproximo. E minha sombra cobre seu rosto, o resedá em flor ao seu lado, o cheiro de grama e seiva se movendo, crescendo entre nossos pés. Você fica de pé, tira a terra dos braços e das calças. Olho para o lado, a hera tomando a fachada da casa. A nossa casa. Pai, pai. Há as orquídeas

ainda amarradas aos troncos. Seu corpo go-  
teja e se derrama. Exausto. Vê o sol, descan-  
sa, e o tempo ainda escoá contra nós.

Eu me lembro de você, o que quer dizer que o materializo. Eu o construo como quem constrói uma casa. Você era louco por casas. E hoje a casa que temos é um começo e um passado, onde formamos um tipo de vida. Como se um passado fosse também algo em que podemos nos encontrar. Pai. Um lugar que insiste em ser tempo. E também a sua nossa vontade. De fugir desse tempo, sagrado e denso. Como se um tempo pudesse ser mais de uma coisa, terrível e imenso, como uma manhã, um quarto de luzes acesas e brancas, e você a sair do seu descanso e do seu círculo, que é também

onde eu estou à sua espera e te encontro. É amplo o raio, pai. Onde, sob o sol suando sua pele, nós vemos enfim o bem que fizemos um ao outro, à luz de um céu quente, a esconder as estrelas que não vimos, e todas mortas em seus tempos, seus próprios tempos. E nos dizemos que aquilo é bom, pai, que tudo é bom, pai.

Estou escrevendo para te alcançar. Ainda que cada tentativa me afaste um pouco do que você foi. Estou escrevendo para te recriar, nos minutos antes da praia, quando você passava protetor solar no meu corpo, e eu resolvi te dizer que podia fazer aquilo sozinho dali em diante. Era verão. E no verão eu te vejo a mergulhar por baixo das ondas. Como se te visse agora a atravessar as ondas, nossos corpos nadando, as braçadas fugindo para o fundo do mar. Mar. Que era como a minha mãe sempre te chamava. Como se um nome fosse um tipo de pertencimento, o mar feito uma forma de



redenção. Mar sozinho, e depois você sozinho, lá fora no escuro, a casa confinada. Seus ruídos no jardim a aguardar as plantas no fim do tempo, a noite azulada ao seu redor. A rua um deserto, você imune ao frio que não sopra, como se seu corpo se descolasse do mundo. Como se, com a água que vertia sobre o canteiro, pudesse imitar a chuva. Hoje sua morte tão aquática. O primeiro dia que não te vi. A chuva espessa a criar um caminho de água pra você atravessar, pro seu corpo transbordar e fluir. Sua vida escoando, o tempo aprendendo a te deixar ir, pai. A manhã me diz uma morte que não vai terminar, uma morte que vai continuar vivendo enquanto um rio nos toma pelas costas, desemboca. E a água salobra a molhar suas costas. Te enxergo. Pai. Nas correntes de água que sempre sinto, como sei que há sempre algum corpo d'água não muito longe do que somos. Mar.

Pai, aflito porque entregue. Conheci seu corpo doente, você a aguentar dores para resistir. Sofrimentos, angústias, seus jeitos de continuar sendo. Corpo agonizante. Seu corpo carregando o que tinha sido, e também a dúvida sobre o que havia se tornado. Seu corpo num tempo em que tudo se desmantela, o desabamento de todas as coisas que foram, a vida feito uma coisa atroz porque incompreensível. E, no entanto, você ainda aqui, suas razões de estar, seu corpo incapaz de morrer. Você continua respirando, seu respiro fraco insistente, uma manobra para continuar vivo, a vertigem dessa



LIVROS ILUMINAM

---

Este livro foi composto em Utopia Std  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em junho de 2023.

---